

RESENHA: A CRUEL PEDAGOGIA DO VÍRUS

RESEÑA: LA CRUEL PEDAGOGÍA DEL VIRUS

REVIEW: THE CRUEL PEDAGOGY OF THE VIRUS

Shirlei de Souza CORRÊA¹
Eliany Cristina de Paula LIMA²

RESUMO: Enquanto as comunidades mundiais e suas lideranças trabalhavam para traçar alguns (des)caminhos para o enfrentamento e a convivência com as incertezas de um novo e desconhecido vírus, o livro *A cruel pedagogia do vírus* foi lançado por Boaventura de Sousa Santos para problematizar a realidade vivenciada e fazer um convite para analisar as consequências que o vírus imprimiu no mundo todo, atingindo diversos setores, com influências ainda desconhecidas nas questões sociais, culturais e políticas.

PALAVRAS-CHAVE: Corona vírus. Convivência social. Educação e sociedade.

RESUMEN: *Mientras las comunidades mundiales y sus dirigentes trabajaban para esbozar algunas (in)maneras para afrontar y coexistir con las incertidumbres de un virus nuevo y desconocido, el libro *La cruel pedagogía del virus* fue lanzado por Boaventura de Sousa Santos para problematizar la realidad vivida y hacer una invitación a analizar las consecuencias que el virus ha planteado en el mundo, llegando a diversos sectores, con influencias aún desconocidas en las cuestiones sociales, culturales y políticas.*

PALABRAS CLAVE: *Coronavirus. Convivencia social. Educación y sociedad.*

ABSTRACT: *While world communities and their leaders worked to find some paths (or deviations) for coping and living with the uncertainties of a new and unknown virus, the book *A cruel pedagogia do vírus* was published by Boaventura de Sousa Santos to problematize the reality experienced and to make an invitation to analyze the consequences that the virus has had on the world, reaching different areas, with influences still unknown on social, cultural and political matters.*

KEYWORDS: *Corona virus. Social living. Education and society.*

¹ Centro Universitário Uniavan – (UNIAVAN), Campus I, Balneário Camboriú – SC – Brasil. Doutora em Educação e Docente Curso de Pedagogia. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9310-0454>. E-mail: shirleiscorrea@hotmail.com

² Centro Universitário Uniavan – (UNIAVAN), Campus I, Balneário Camboriú – SC – Brasil. Pedagoga. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0254-5808>. <http://orcid.org/0003-0254-5808-000>. E-mail: eliany.paula@hotmail.com

Introdução

Integrando a coletânea “Pandemia Capital”, o livro de Boaventura Souza e Santos, “A Cruel Pedagogia do Vírus”, foi publicado no ápice da pandemia do Corona vírus, enquanto as comunidades mundiais e suas lideranças trabalhavam para traçar alguns (des)caminhos para o enfrentamento e a convivência com as incertezas desse novo desconhecido. Partindo dessa realidade e de todas as consequências que o vírus imprimiu no mundo todo, em diversos setores, o autor discute questões sociais, culturais e políticas por meio de inquietações que partem do cotidiano.

Tratando dos aspectos políticos e econômicos correntes, o autor apresenta o cotidiano e aponta que o modo de vida e a servidão ao capitalismo afrontam o poder do vírus e propõe uma difícil escolha para aqueles que estão numa localização sociocultural menos favorecida: proteger-se do vírus e esperar a fome ou encarar a fome e ficar a mercê do vírus? Essas questões são apontadas como um processo histórico que tem se desenrolado ao longo dos tempos, indicando, sobretudo, os desafios da manutenção da economia.

Considerando essas questões, nos cinco capítulos encontramos consistentes argumentos que nos conduzem às reflexões sobre o ser humano, sobre as atitudes, as escolhas e comportamentos e, sobretudo, a relação com nossa casa maior.

No primeiro capítulo, “Vírus: tudo o que é sólido desmancha no ar”, o autor aponta-nos que desde a década de 1980, o mundo já vive em crise decorrente da escandalosa concentração de riquezas e da iminente catástrofe ecológica. E, ao confrontar tal realidade com a atual pandemia, hábitos e ritmos de vida que anteriormente não se viam permitidos no mundo capitalista que vivemos agora se fazem necessários e presentes, como o ficar em casa e passar tempo com filhos, ou recuar na busca incessante do consumismo e ainda o prazer de se dar ao luxo de ler um bom livro. Para o autor, portanto, esse pode ser um processo de (re)descobertas e de agravamento da crise que já existia.

Em meio a esse processo, o surto viral, como dito pelo autor, apresenta a fragilidade do ser humano, pois, embora que de certa forma, tal insegurança possa ser amenizada por empresas de seguro ou convênios médicos, a democratização se faz presente, atingindo todo o povo, incitando-nos a solidariedade, mesmo que esta seja do ponto de vista econômico, uma tragédia. Embora reconhecendo essa realidade, o autor apresenta o quanto essa redução teve de efeito positivo na poluição da atmosfera, por exemplo.

No segundo capítulo, “A trágica transparência do vírus”, o autor apresenta o inimigo invisível que dá corpo ao medo caótico oriundo da pandemia, tão onipresente como tantos

outros invisíveis, tais como o deus ou os mercados das bolsas de valores que regem as vidas das pessoas de forma a torná-la imprevisível. Valendo-se do simbolismo destacado por Leonardo da Vinci de um reino composto por três unicórnios, o autor destaca que desde o século XVII o capitalismo, o colonialismo e o patriarcado são os principais modos de dominação que imperam sob a sociedade, iniciando na Europa e atingindo todo o mundo que conhecemos. Destaca que de forma astuta, estes agem por aparecerem e desaparecerem conforme lhes é conveniente. Para o autor, tanto as questões da pandemia, quanto as questões que dela derivam, sociais, econômicas e outras, contribuem para a exposição das fragilidades inerentes ao modelo econômico neoliberal.

O terceiro capítulo, “A sul da quarentena”, tem apontamentos que evidenciam a marginalização de determinados grupos. Ao apresentar tais apontamentos, o autor evidencia o processo discriminatório da pandemia, sobrelevando as divergentes camadas sociais e tornando-se impossível para uma camada específica da população chamada cuidadores, ou seja, as pessoas envolvidas diretamente na saúde. No entanto, há também muitos vulneráveis que devido à situação política, social e cultural que estão submetidos, já vinham sofrendo demasiadamente antes desse período inédito e essa realidade agora se mostra sobrepajante. Sobre esses coletivos, o autor começa por citar as mulheres, que, são cuidadoras em seus lares e ocupam a maioria dos cargos de enfermagem, colocando-as na linha de frente do enfrentamento ao vírus.

Os trabalhadores informais também são especificamente afetados, sem vínculos trabalhistas são os primeiros a serem demitidos. Na América Latina esses representam 50% dos trabalhadores. Como eles dependem do trabalho diário para terem renda, o isolamento social, tão recomendado para a prevenção ao Covid-19, torna-se impraticável. O mesmo se dá com os trabalhadores de rua, que têm em seu negócio sua subsistência e dependem, basicamente, do povo.

Indagando como será a quarentena de quem não tem casa, o autor chama a atenção para outro grupo de pessoas, os que vivem nas ruas. Bem como cita dados da ONU apontando que 25% da população mundial vivem sem infra-estrutura e saneamento básico, onde muitas vezes famílias numerosas residem aglomeradas impossibilitando o isolamento social, são estes os moradores das periferias. Mas para esses cidadãos esta emergência social é apenas mais uma, entre tantas outras que eles já enfrentam.

Há ainda de se salientar a dificuldade enfrentada pelos que vivem em campos de refugiados, os imigrantes, os deficientes físicos que já lhes é sobreposta uma carga de adversidades a mais na vida e acrescentada esta Pandemia, sua situação fica ainda mais

complexa. Por fim, um dos grupos mais vulneráveis a esta realidade caótica são nossos idosos, que tiveram que se recolherem em suas casas, outros em casas de repouso ou abrigos. Segundo o autor, digno de nota é que, a quarentena torna visível e reforça a injustiça, a discriminação, a exclusão social e o sofrimento de tantos, mas que de fato é imerecido.

Como tudo na vida sempre há aprendizado, não seria diferente com esta tribulação, este vírus mortal. No quarto capítulo, “A intensa pedagogia do vírus: as primeiras lições”, o autor nos apresenta pelos menos seis lições, mas ressalta que trata-se de uma incógnita quanto a absorção ou não por parte das pessoas. Considerando tais lições, é relevante ponderarmos que a sociedade contemporânea constata riscos de acordo com o tempo político que lhe é exposto e mediado algo. Esta exposição tem ocorrido com a pandemia do Corona vírus, mas não com a mesma intensidade e gravidade que enfrentamos a crise climática. Conjuntamente é dito que a pandemia não mata de modo tão indiscriminadamente conforme se pressupõe.

Apontando o capitalismo como um modelo social sem futuro, a terceira lição apresenta que as consequências ficam ainda mais evidentes neste momento em que o mundo vive de pandemia, onde se sujeitam as áreas sociais, a ressaltar a da saúde, ao modelo de negócio capital, desamparando assim a cidadania e os direitos humanos. Já a extrema-direita e a direita hiper-neoliberal segundo o autor, ficam terminantemente desacreditadas, pois falharam mais do que outros no combate a pandemia.

No entanto, o colonialismo e o patriarcado mostram-se vivos e fortes, prova disto é que quando as populações dos países mais ricos são atingidas por graves doenças como está ocorrendo com o Corona vírus, a manifestação de problemas globais se faz presente, diferentemente de quando isso ocorre em lugares do mundo menos favorecidos, como o surto da malária na África em 2016, que nem foi noticiado. Por fim, alistando a última das lições, é apontado o regresso do Estado e da comunidade nos últimos quarenta anos em resultado de se dar prioridade ao mercado, neste desenlace a sociedade e o próprio Estado passaram a ser avaliados e só posteriormente a esta análise de rentabilidade, geridos, seguindo a lógica do mercado.

Concluindo sua obra, o autor vislumbra que toda esta realidade que vivenciamos da pandemia do Corona vírus torna possível revermos as alternativas que nos são sobrepostas ao modo de viver, de produzir, de consumir e de conviver. Mas, sobretudo, o autor deixa uma questão a ser respondida: quais destas reflexões serão realmente concluídas e levadas à ação política?

Em meio a questionamentos como esse, no último capítulo, “O futuro pode começar hoje”, o autor afirma que as pessoas muito provavelmente estarão ansiosas por querer rever o

mundo tal qual conheciam anteriormente, por poderem circular livremente. Contudo, muitas dúvidas sobre o regresso pós quarentena sobrevoam no ar. O que nos é apresentado pelo autor, é que de fato, não se dará de forma igualmente fácil para todos. Porém, o que toda vida humana deve se aperceber, é que conviver em plena harmonia com as demais vidas no Planeta é imperativo para a sua própria sobrevivência, e que esta quarentena que hoje vivemos, está inserida dentro de outra quarentena política, cultural e ideológica do capitalismo e tão somente quando superarmos esta seremos deveras livres.

REFERÊNCIA

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. São Paulo: Boitempo, 2020.

Como referenciar

CORRÊA, Shirlei de Souza; LIMA, Eliany Cristina de Paula. Resenha: a cruel pedagogia do vírus. São Paulo: Boitempo, 2020. **Rev. Sem Aspas**, Araraquara, v. 9, n. 1, p. 179-183, jan./jun., 2020. e-ISSN: 2358-4238. DOI: <https://doi.org/10.29373/sas.v9i1.14470>

Submetido em: 10/07/2020

Aprovado em: 25/08/2020

Publicado em: 30/09/2020